

REMINISCÊNCIAS DO EXÉRCITO ANTIGO

UM EXERCÍCIO DE BATALHÃO HÁ MEIO SÉCULO

General DERMEVAL

O coronel chamava ao gabinete o capitão ajudante e manifestava-lhe o desejo de realizar um "exercício geral". Logo o "brigada" entrava em atividade. Ao toque de "sargenteantes-acelerado", compareciam eles rapidamente à "casa das ordens". Comandantes haviam alguns que resolviam pela manhã, ao chegarem de mau-humor, e queriam, sob as pragmáticas do estilo de então, estar a frente do seu batalhão totalmente formado em "batalha" ou em "linha de colunas" no pátio do quartel. Outros mais compassados arbitravam 24 ou 48 horas para os preparativos. O major-fiscal movimentava-se por todos os recantos: — a tosagem das crinas dos animais, a exigência de limpeza das bestas dos cargueiros e das respectivas carrocinhas componentes dos "trens regimentais..."

Os "trens regimentais" nos corpos de tropa eram a parte integrante que acompanhava o "estado-maior" e o "estado-menor" do batalhão. O "estado-maior" montava cavalos com crinas bem tratadas.

Dêles faziam parte o comandante, o fiscal, o ajudante, o alferes secretário e o médico, sendo, que êste preferia acomodar-se melhor na boléa da ambulância, invés de cavalgar um bucéfalo e o secretário, a pé, desempenhava o encargo de "porta-bandeira" nas formaturas gerais. Ao "estado-menor" pertenciam o sargento-chefe, congnominado "seu brigada", o sargento quartel-mestre e os músicos que se transformavam em enfermeiros, quando deixavam os instrumentos musicais, uma vez por semana para a apren-

dizagem de conduzir padiolas e atender primeiros socorros com aplicações de iodo nas feridas e dosagem de arnica... Nos exercícios gerais ensarilhavam os instrumentos e usavam braçais da cruz-vermelha.

Os "trens" repartidamente pertenciam as companhias; mas, as viaturas do tipo colonial a 4 rodas, tracionadas a quatro ou seis cavalos faziam parte do "trem do batalhão". Os capitães não possuíam montarias; dispunham só de três viaturas de duas rodas: — a da "pipinha d'água", a de "munições" e a dos "viveres e forragens". Três muares, portanto e outros tantos soldados condutores.

Isto era o minúsculo "trem da companhia".

Tudo devia estar luzindo em condições, e entrar em formatura para acompanhar os elementos do batalhão no "exercício geral".

Os exercícios sempre correspondiam a demonstração exterior de capacidade e de boa apresentação da corporação.

O instrumental das bandas marciais de músicos e corneteiros e tamboreiros devia luzir; os tambores ficavam forrados com bandeirolas nacionais e nas cornetas enfeitadas com galhardetes eram colocados os cordões verde-amarelo passados à tiracolo. O carneiro do batalhão, bem lavado, penteado e tingido com desenhos em anilina, acompanharia a tropa ao lado da fanfarra, despertando aplausos na população.

Os uniformes para os exercícios gerais seriam completados com as

peças guardadas nos depósitos dos furréis : — às pressas eram distribuídas, luvas e perneiras brancas, charlateiras e bandeirolas.

O corre-corre da soldadesca para a limpeza própria e arranjo do material ocasionava verdadeira transformação de monotonia em atividade na caserna. Os alferes deixavam o "gamão" e as "damas" para relerem os capítulos do regulamento de exercícios...

Antes do entoar do terceiro toque regulamentar anunciador da formatura geral a tropa estaria já aguardando a ordem do "avançar para o alinhamento".

O "equipamento completo em ordem de marcha" aos dorsos da soldadesca ficava bem ajustado pelas correias alçando os ombros; os "cantis" cheios de água; os fusis protegidos pelos "guarda-fechos" de couro macio e seus respectivos "cobre-miras" brilhantes; o correame irreprensivelmente branco pelas pinceladas de alvaiade gomado; os sargentos sobrecarregados com os "canudos" de alumínio ou de fôlha dependurados e o "brigada" envergando uma faixa vermelha e de espadim à cinta, privilégio, da própria graduação; os 1^{os} sargentos com as bandeirolas atadas nas varretas dos fusis iriam balizarem os alinhamentos, e enfim os alferes em grupos nas proximidades dos pelotões aguardando as ordens dos capitães para ocuparem seus postos à testa dos pelotões, constituía isso a azáfama antes do "toque de avançar"!

O capitão ajudante dirigia as ensenações preliminares, para o batalhão entrar em forma. Havia o "avançar dos pontos para o alinhamento"; o "brigada" colocava cada "sargento guia" no local onde as companhias iriam tomar posições. Marchas e contra-marchas, "passos laterais" para a esquerda e para a direita, "oblíquas à direita" e à esquerda, pela "direita ou esquerda perfilar" e o "descançar" até que o major-fiscal aparecesse...

"Sentido"!, "hombro-arma"!

A banda tocava um intróito breve e o fiscal recebia a continência da tropa ao mando do ajudante.

Tomava a direção do conjunto o fiscal que percorria, a cavalo, todos os elementos componentes, indo da frente para a retaguarda, olhando e corrigindo falhas, até ao alinhamento dos cargueiros e das viaturas de água, de viveres e de munições. Pronto o batalhão para o exercício.

Novamente: "descançar"! enquanto o capitão ajudante galopava ao encontro do coronel que, a distância, o aguardava impaciente já cavalgando numa sela bem guarnecida, bridas metálicas e manta de franja dourada.

Surgia, a cem ou duzentos metros, o comandante, a meio-galope, seguido de perto pelo ajudante.

Agora, ao sinal de comando pelo "corneta-mór" — "sentido"! "hombro-arma", "apresentar-arma", o fiscal galopava ao encontro do comandante, reverenciando-o com o gesto de espada antes de recolhê-la à respectiva bainha. Chegam a frente da tropa os três personagens do estado-maior. A música, entoava a marcha de recepção do chefe e cessava de tocar pela pancada dupla do bombeiro ao distinguir o gesto que fazia o coronel levantando a espada que desembainhava na chegada.

Duas formalidades essenciais faltavam ainda para ser dado início ao "exercício geral".

Em "continência ao terreno".

Praxe que alguns coronéis preferiam comandar de viva voz o "apresentar-arma!".

À seguir a "incorporação da Bandeira" na formatura. Igualmente ao comandante cabia dirigir a recepção do pavilhão nacional.

O batalhão ficava alinhado "em batalhão" e rigorosamente perfilado pela direita. Na sua frente, cêrca de vinte metros, montado, o comandante voltava-se para a tropa já em "hombro-arma", ladeado a meio corpo de cavalo, pelo fiscal a direita e pelo ajudante à esquerda pouco mais recuado.

Atrás do conjunto militar as bandas de música e dos corneteiros e tamboreiros. Ainda mais para trás os "trens", bem alinhados formando o chamado "trem de combate", constituído pelo agrupamento das

viaturas de munições e da ambulância pintada de branco.

Pelos comandos orais do próprio coronel ou ao toque de corneta, executava a tropa: — “sentido!” — “abrir fileiras!” — “em continência à Bandeira!” — “apresentar-armas!” Soavam os acordes do Hino Nacional, simultaneamente com os compassos estridentes da “marcha batida” pelo conjunto dos corneteiros e tamboreiros.

O alferes secretário que se achava empunhando a Bandeira erguia-a desfaldando o pano ao vento por alguns instantes, sem deslocar-se do local onde se postava bem a vista da tropa.

Todos contemplavam o Pavilhão Nacional guarnecido por cinco “anspeçadas” que conservavam-se de “hombro-armas” e sempre com as baionetas armadas.

Os que suportavam o pêso das mochilas, pela primeira vez participando do ato, sentiam correr-lhes o arripio pelos nervos do corpo. O coronel levantando a espada abastada, fazia um gesto e o bombeiro da música interrompia em meio a continência...

“Hombro-armas!”

A Bandeira, conduzida pelo secretário acompanhada de sua guarda, deslocava-se para ir intercalar-se entre as 1ª e 2ª companhias.

O corneteiro-mór, ao lado sempre da montada do coronel, sinalizava: “unir-fileiras marche!”

Só então começariam os primeiros movimentos correspondentes ao “exercício geral do batalhão”.

Aquelas duas formalidades preliminares — “continência ao terreno” e “incorporação da Bandeira” — não tomavam muito tempo entre os preparativos e a execução do exercício. Mas, nunca eram dispensadas antes e depois de qualquer exercício geral. Calavam profundamente no íntimo da soldadesca aquelas indispensáveis manifestações cívicas, prestadas coletivamente e com a convicção de todos, à terra e ao pavilhão...

Iniciava-se o “exercício geral”.

Evoluções a pé firme consistindo nas mudanças das “linhas” para “colunas” ou “linhas de colunas”. Os

toques de corneta e os comandos orais sucediam-se.

A música, a guarnição da Bandeira e os “trens” deslocavam-se, em “marche-marche”, para lá e para cá, a postarem-se nos lugares correspondentes às formações à serem tomadas. Os alferes e também os tenentes ficavam a testa dos respectivos pelotões, atentos aos desdobramentos que eles recordavam, às pressas, nas “Instruções vigentes para os exercícios da lavra do coronel Moreira Cesar”... Os capitães, cada um com o seu corneteiro ao lado, mandavam repetir os sinais providos do comandante:

— “Coluna de pelotões, frente à direita!”; em “linha pela esquerda, frente à direita!”; “linha de coluna de companhias, em escalão para a direita!”

O estridular inicial do corneteiro-mór repetia-se pelos corneteiros das companhias e, parceladamente, repetiam-se nas vozes dos comandantes capitães e alferes... Ouvia-se, geralmente um comando básico para a evolução: “tal companhia firme!” e as demais deslocavam-se para a direita ou para a esquerda.

Quando o “passo ordinário” retardava o movimento da evolução, o corneteiro-mór transmitia: “acelerado!” ou “marche-marche!”...

O “pela direita perfilar!” “firme!”; “olhar-frente!” eram as vozes dos alferes para corrigirem os alinhamentos após os movimentos.

Por vezes o coronel fazia anunciar a “última-forma!”: — a evolução não fôra realizada consoante as regras das instruções do Regulamento Moreira Cesar...

O pátio do próprio quartel ou o quadrilátero da praça próxima era um suficiente espaço para a rigidez das “evoluções a pé firme”. O passo cadenciado pelo ruído do tambor, os alinhamentos nas conversões dos pelotões e o perfilamento rápido eram as primaciais exigências. O passo acelerado, como o passo ordinário de todos os componentes de cada elemento deviam ser executados uniformemente. O manejo da arma e as voltas a direita ou esquerda deviam sempre parecer aos chefes numa simultânea prática dos

executantes. Era a chamada "ordem unida"...

Quase ao término do exercício havia o "intervalo": — "Descançar"! — "insarilhar-armas"! — "desequipar"! — "à vontade"! — ordens transmitidas pelos sinais do corneteiro-mór.

O comandante, o fiscal e o ajudante apeavam; afrouxavam os "barbicachos" dos seus bonés e confabulavam afastados, enquanto os ordenanças seguravam as bridas das montarias. Os capitães, com as espadas embainhadas, agrupavam-se, a distância, aproveitando para fumar e passar o lenço no suor dos rostos o que não se facultava fazer durante as formaturas. Os alferes formavam grupinhos nas proximidades da tropa que ficava em liberdade dentro da forma. A Bandeira era recolhida e deitada sobre o sarilho da sua própria guarda, ficando ao lado um em sentinela de "baioneta calada". Os soldados e graduados podiam movimentar-se no local; utilizavam a água dos cantis, mas para qualquer afastamento precisavam consentimento do capitão. Ficavam desembaraçados das mochilas e alguns novatos eram encaminhados às ambulâncias, onde o médico tomava-lhes a pulsação e verificava se realmente a fadiga os levava ao empalidecimento durante as evoluções com o peso regulamentar as costas graduado com alguns tijolos para completar a carga...

Nos uniformes tanto de oficiais como o dos praças predominava a calça de lã encarnada e o dolman de pano azul, fechado com três carreira de botões metálicos até a gola alta apertando em fortes colchetes por cima da célebre "gravata de couro preto". Aos oficiais era tolerada a "gravata" feita em pano preto; mas os sargentos e praças teriam de suportar aquela coleira entre o pescoço e a gola alta dos seus dolman...

Ao sinal do ajudante novos sinais por intermédio do corneteiro-mór anunciavam a retomada do exercício.

Vozerio dos comandos intermédios: "reequipar"! — "perffilar

pela direita"! — "firme"! — "olhar frente"!

Os músicos pouco descansavam porque a banda durante aquêle pequeno repouso, tocava valsas do repertório do gôsto do coronel.

"Coluna de marcha"! era o toque geral do corneteiro, recebido sob contentamento para o encerramento do exercício. O batalhão iria recolher-se depois de desfilar por algumas ruas da cidade.

As bandas marcial e dos músicos em acelerado iam colocar-se à testa, adiante do "estado-maior"; os trens encolunavam-se separadamente em viaturas compondo os chamados "trem regimental" e o de "combate".

"Pela direita perffilar"! — "firme"! — "olhar frente"! ouviam-se, sucessivamente as vozes dos alferes de começo ao fim da coluna formada celeremente, pronta para movimentar-se.

O coronel, garbosamente, e sem olhar para trás erguia a espada verticalmente para baixá-la lentamente indicando a direção inicial da marcha para o mestre da música orientar-se.

Silvava o corneteiro: — "ordinário"! e o bombeiro da música intercalava o ribombo para esperar o sinal de "marche"!... iniciado com o dobrado predileto do coronel...

A coluna deslocava-se para a passeata.

Pela frente e pelos lados das bandas de música, dos corneteiros e tamboreiros logo a aglomeração dos curiosos ia acompanhando a cadência da tropa. O "carrilhão" da música, enfeitado de fitas multicôres pendentes e de guizos sonantes e o "carneiro" do batalhão, participando do cortejo, atraíam os olhares e o entusiasmo da populacha. Havia, singularmente, o cuidado de defender-se o "bombo" da banda. Entre os que seguiam a tropa existiam malandros atrevidos que sorteiramente tentavam anavalhar o couro dos bombos, a cautela preventiva consistia numa guarda lateral de dois ou três soldados velhos disfarçadamente armados com varas ou látigos e o "baliza" sempre empunhando o longo bastão, à

cabriolar e a rodopiar, abrindo alas ao itinerário...

A passagem do porta-bandeira a assistência descobria-se respeitosa-mente. Algum descuidado ou des-respeitoso era logo a isso obrigado e, o recalcitrante seria castigado...

O coronel, a cada momento agradecia as manifestações de respeito ao Pavilhão, que desfilava na sua frente, e logo atrás das bandas marciais, abanava ligeiramente a cabeça e a própria lâmina de sua espada apoiada no hombro, dando mostras de agrado.

O corneta-mór, a espaços, sinalizava por ordem do comandante: — “sentido”! — “perfilar armas”! — “olhar à direita, esquerda”! Era a passagem da tropa diante de algum edificio público onde flutuava a Bandeira Nacional ou sede de autoridade mais graduada. O coronel oscilava ritmadamente o busto, ao passo de sua montada e sentia-se ufano, ostentando por debaixo do seu “cavainac”, o bambolim dourado do barbicacho que alçava ao pescoço o elegante boné alto de pala bem reta do tipo francês então usado.

“Olhar frente”! — “inclin ar-ma”! e o desfile prosseguia ao som ora dos dobrados marciais, ora sob o compasso dos rufos dos tambores e marchas estridentes das cornetas.

Quando as estreitas ruas mal comportavam as frentes dos pelotões, os alferes comandavam sistematicamente: — “direita volver”!

— “esquerda rodar”! para logo em seguida restabelecer-se a coluna ao comando: — “em linha pela esquerda, frente, marchar”!

Duas ou mais vèzes a tropa fazia “alto”!. Descançava ligeiramente.

Em cada mudança de direção os alferes exhibiam-se. Voltavam-se de frente para os seus pelotões em cujas testas marchavam. Deitavam as lâminas das espadas sôbre as palmas das mãos e, marchando alguns instantes de costas, dançando ou requebrando dirigiam as converções em tórno do “pião” do flanco: — “marcar passo o pião da direita, esquerda”! — “hombros direitos, esquerdos frente”!...

Assim, admirados pelos seus comandados e pela massa popular acompanhante, os alferes destacavam-se com seus comandos cantados e entremeados pelos tregeitos do corpo, dos membros e pelo manejo jocoso das espadinhas recurvadas que usavam.

No regresso a cadência estava permitida: — “marcha à vontade”! As armas estavam conduzidas em “mão direita”, em “tira colo” ou em “braço arma”. As espadas os alferes traziam-nas embainhadas. Alguns recrutas, atrasadamente, capengam e a pequena ambulância mal comportava todos os fatigados.

No quartel novamente a “retirada da Bandeira” e depois a “continência ao terreno” formalística indispensável antes do último sinal pelo corneteiro-mór: — “Fora de forma”!

AVISO N. 99, DE 21-I-947

Tendo em vista que “A Defesa Nacional” vem cooperando, ininterruptamente, há 34 anos, na obra de aperfeiçoamento, ampliação e divulgação de conhecimentos técnico-profissionais e de cultura geral, úteis à formação intelectual dos militares, e que suas colunas abertas à colaboração de todos devem refletir o amor ao estudo e o grau de capacidade profissional dos quadros do Exército, apraz-me recomendá-la à atenção e interesse de todos os oficiais, quer intelectualmente nela colaborando, quer materialmente, fazendo-se seus assinantes.

Esta sugestão deve ser transcrita nos boletins internos de todos os escalões do comando e da administração do Exército.

(a) Gen. Canrobert P. da Costa.